

mercado

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Airbag

Na contramão de uma série de indústrias que elevaram suas previsões de crescimento após a divulgação do PIB do segundo trimestre, o setor automotivo não revisou seus indicadores para o ano, segundo a Anfavea (associação das montadoras). A entidade afirma que a retomada está acontecendo aos poucos, depois de um primeiro trimestre ruim. Em setembro, pela primeira vez em meses, não houve registro de fábricas paradas pela falta de semicondutores, segundo a Anfavea.

ACELERADOR Para bater as previsões do começo do ano, a associação das montadoras estima que o segmento precisará vender cerca de 9.500 veículos por dia. Em janeiro, o setor vendia 6.000 unidades por dia, em média. O maior patamar do ano foi registrado em maio e junho, quando foram comercializados diariamente cerca de 8.500 automóveis em cada mês.

MARCHA À RÉ A expectativa é de um retorno próximo à normalidade somente em 2024.

CAPACETE A Animaseg (associação que reúne fabricantes de equipamentos de segurança do trabalho) elevou suas projeções para o segmento neste ano, passando de um crescimento de 10% para 11%.

SANDÁLIA A Abicalçados (que representa a indústria de calçados) revisou seus cálculos de 2,3% para uma média de 3%. De acordo com a entidade, a produção em julho cresceu 9%, com um acumulado de 3% no ano. Os cenários otimistas se somam a uma onda de revisões para cima, divulgadas nesta quinta em setores como tecidos, restaurantes, plásticos, dispositivos médicos e construção.

GOLEIRO Depois do lançamento do álbum da Copa, em agosto, o Procon-SP registrou mais de 430 reclamações sobre a Panini, empresa responsável pela impressão. No mês anterior, havia 30 queixas. O órgão de defesa do consumidor notificou a Panini nesta sexta-feira (2) pedindo explicações sobre problemas com a venda de kits e combos de álbuns e figurinhas individuais.

CHUTEIRO Segundo o Procon-SP, a empresa deverá informar, até 9 de setembro, quais são os prazos de entrega, se estão sendo cumpridos e como os consumidores são avisados em caso de postergação. O órgão também questiona sobre os canais de atendimento ao consumidor, se há possibilidade de falar com os atendentes, entre outros pontos.

VAR Procurada pelo PAINEL S.A., a Panini diz que vem elevando o volume de produção e que aumentou o número de pessoas no atendimento.

MACA A Unimed-Rio ficou, em julho, no topo do ranking da ANS que lista os planos de saúde com a maior média de reclamações. Em junho, a operadora ocupava a terceira posição. A empresa passa por reestruturação financeira e teve seu regime de direção fiscal renovado pela ANS neste ano. Em nota, diz que está implementando os planos para retomar os níveis de qualidade.

FILA Logo atrás da Unimed-Rio, aparecem nomes como Premium Saúde, Promed Assistência Médica, Associação de Beneficência e Filantropia de São Cristóvão e Humana Paraná, segundo a ANS.

CAMPANHA A rodada de sabatinas da Abras (associação de supermercados) com os presidentenciáveis teve a confirmação da presença de Bolsonaro, segundo a organização do evento. A fala de Bolsonaro no fórum dos supermercadistas foi marcada para 20 de setembro, data da abertura da Assembleia Geral da ONU, que é feita pelo presidente brasileiro. A participação no evento da Abras é online, à tarde.

CARRINHO Em junho, Bolsonaro já fez um encontro online com a Abras, quando foi aos EUA para a Cúpula das Américas. Na ocasião, ele pediu que os supermercados segurassem os preços para conter a inflação. O evento da Abras terá parceria do Instituto Unidos Brasil, grupo com empresários apoiadores do presidente.

URNA Ciro Gomes confirmou participação, mas Lula e Simone Tebet ainda não deram resposta, segundo a Abras.

QUADRA Durante um almoço com apoiadores da Gerando Falcões na quinta (1º), Edu Lyra, fundador da ONG, conseguiu arrecadar R\$ 90 mil com um leilão improvisado de duas raquetes de tênis usadas pelo empresário Jorge Paulo Lemann. A ideia começou na semana passada, em outro evento da ONG, quando leiloaram raquetes assinadas por Roger Federer e Serena Williams.

CALCULADORA Segundo Lyra, Lemann já reverteu, com uma comunidade de empresários, R\$ 150 milhões em investimentos para as favelas.

com Paulo Ricardo Martins e Diego Felix

CIFRAS & LETRAS

Jamais existiu uma ordem mundial global, diz Kissinger em livro

Ex-secretário de Estado dos EUA analisa mundo de perspectivas históricas divergentes, conflitos violentos e avanços tecnológicos

Heloísa Mendonça

BELO HORIZONTE No livro "Ordem Mundial", Henry Kissinger, o decano da diplomacia americana, faz uma análise das origens da harmonia e da desordem internacional. Ele afirma que jamais existiu uma ordem mundial que fosse verdadeiramente global. E que, durante grande parte da história da humanidade, cada civilização se via como o centro do mundo.

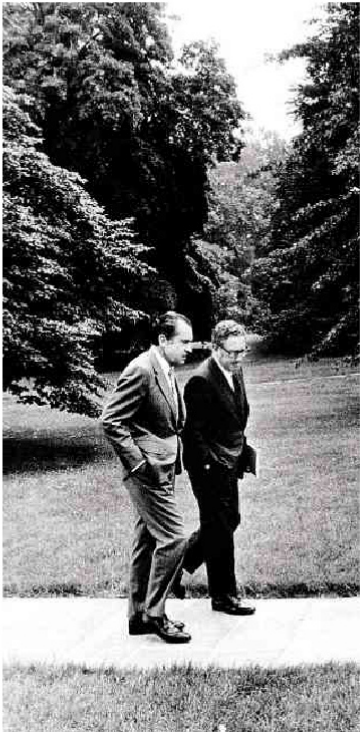
Kissinger, que hoje tem 99 anos, foi assessor de Segurança Nacional e secretário de Estado dos presidentes Richard Nixon (1969-1974) e Gerald Ford (1974-1977). Ele conta que a ideia do livro surgiu de uma conversa durante um jantar com um amigo. Ambos concluíram que a crise da definição de ordem mundial era, em última análise, o problema internacional da atualidade.

Ao longo dos nove capítulos, o decano desenha um panorama histórico de como o conceito evoluiu antes de abordar o atual desafio de construir uma ordem internacional em um mundo de perspectivas históricas divergentes, conflitos violentos e avanços tecnológicos.

A ordem que conhecemos hoje, defende a obra, foi concebida na Europa Ocidental há quase quatro séculos numa conferência de paz realizada na região alemã de Vestfália, sem o envolvimento ou sequer conhecimento da maioria dos outros continentes.

Tal ordem se baseava num sistema de Estados independentes que renunciavam à interferência nos assuntos internos uns dos outros e limitavam as respectivas ambições por meio de um equilíbrio geral de poder. Esse ordenamento surgiu da necessidade de paz depois que os europeus viram um quarto de sua população dizimada durante a Guerra dos 30 Anos (1618-1648).

O conceito vestfaliano deixou de existir em 1914 com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. O conflito durou até 1918 e, nos anos seguintes, houve uma tentativa de retorno ao equilíbrio de poder por meio da Liga das Nações, o que não foi capaz de impedir a Segunda Guerra Mundial. Só após 1945, outra vez se estabeleceu um equilíbrio de poder, com a criação



Richard Nixon, presidente dos EUA entre 1969 e 1974, com Kissinger na Casa Branca Reprodução

da ONU (Organização das Nações Unidas).

Kissinger ressalta que as diferenças entre os enfoques ocidentais e não ocidentais sobre a ordem mundial se intensificaram ao longo da história.

Em algumas civilizações contemporâneas, os princípios são definidos por convicções religiosas, psicológicas ou filosóficas.

Ele alerta que a ordem mundial proclamada como universal pelos países ocidentais se encontra hoje novamente em um momento crítico. Para ele, conceitos como democracia, direitos humanos e internacional recebem interpretações tão divergentes que as partes em guerra regularmente "os invocam uns contra os outros como seus gritos de batalha".

O autor pontua que nenhum país desempenhou papel tão decisivo na formação da ordem mundial contemporânea como os EUA, nem manifestou tamanha ambivalência a respeito de sua participação no processo. O país exerceu influência fundamental em im-

portantes episódios da história, ao mesmo tempo que negava qualquer motivação associada ao interesse nacional.

O autor destaca ainda que enquanto a economia se globaliza, a política segue aprisionada pelas fronteiras nacionais e que esta seria a causa das crises vividas na América Latina (anos 80); Ásia (1997); Rússia (1998); EUA (2001 e 2007); Europa (desde 2010).

Para o autor, um dos mais polêmicos ganhadores do Prêmio Nobel da Paz, em 1973, pela negociação de acordos de cessar-fogo na Guerra do Vietnã (1959-1975), cada era tem seu tema central recorrente. No período medieval, era a religião; no Iluminismo, era a razão, no século 19 e 20, foi o nacionalismo.

Hoje, a ciência e a tecnologia são os conceitos que servem de guia para a nossa era, já que proporcionaram avanços sem precedentes para o bem-estar humano. No entanto, ele destaca que elas produziram, por outro lado, armas capazes de destruir a humanidade.

Na visão de Kissinger, o que há de novo é o ritmo da mudança proporcionado pelo poder dos computadores e a expansão da tecnologia da informação para todas as esferas da existência.

Antes da era da informática, o poderio das nações poderia ser medido por meio de uma combinação de efetivos humanos, equipamentos, geografia, economia e moral. As hostilidades eram desencadeadas, de certa forma, por acontecimentos definidos.

Agora, um computador pode produzir um fato de consequências globais. Um agente solitário pode conseguir através do ciberespaço desativar ou potencialmente destruir infraestruturas vitais.

Na visão do autor, será necessária a existência de uma estrutura em que se organize o ambiente informático global.

"Caso não sejam articuladas algumas regras de conduta internacional, uma crise acabará por surgir a partir da própria dinâmica interna do sistema", diz o autor.

Em uma obra com mais perguntas que propostas para o futuro, Kissinger considera que a reconstrução do sistema internacional é o maior desafio atual dos estadistas.



Ordem Mundial

Henry Kissinger
(Objetiva, 432 pgs., R\$ 79,70)

A HORA DO CAFÉ | Fabiane Langona



Henry Kissinger em viagem a Pequim em 2018 Thomas Peter - 8.nov.18/AFP